

RECREIO ESCOLAR: UM OLHAR DIRECIONADO PARA A CRIANÇA E O DIREITO DE BRINCAR

Natali Raqueliana da Silva¹

Sandra Patrícia Ataíde Ferreira²

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apurar o modo como as crianças vivenciam a brincadeira livre no momento do recreio e suas implicações no processo de aprendizagem, e além disso, analisar a participação do adulto nesse contexto. Se constitui como um estudo de abordagem qualitativa, caracterizado por estudo de caso, que utilizou das técnicas de observação, do diário de campo, da entrevista semiestruturada e da análise documental para construção de dados. Participaram do estudo três professoras do Ensino Fundamental dos Anos Iniciais, que atuam em uma escola da rede municipal do Recife. Como procedimento analítico adotou-se a análise temática por meio da qual busca-se levantar dados com intuito de gerar interpretações e significados a respeito do assunto abordado. Desse modo, constatou-se que o recreio tem função primordial na rotina escolar da criança levando em consideração que durante esse momento ela pode explorar as diversas formas de aprender e brincar, além de ser um espaço onde prevalece a relação de cuidado representada pela figura do adulto.

Palavras-chave: Recreio Escolar. Ensino Fundamental. Criança. Brincar.

ABSTRACT: This article aims to investigate how children experience free play during recess and its implications for the learning process, as well as to analyze adult involvement in this context. This is a qualitative study that utilized observation techniques, field diaries, semi-structured interviews, and document analysis to gather data. Three elementary school teachers from the initial years, who work at a school in the northern zone of the Recife municipal school system, participated in the study. The analytical procedure adopted was thematic analysis, through which data were collected to generate interpretations and meanings regarding the topic at hand. Thus, it was found that recess plays a fundamental role in children's school routine, considering that

¹ Graduanda de Pedagogia - Centro de Educação - UFPE. natali.raqueliana@ufpe.br

² Professora do Departamento de Psicologia, Inclusão e Orientação (DPSIE) do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutora em Psicologia (UFPE - 2004), Mestre em Psicologia (UFPE - 1998), Graduada em Psicologia (FACHO - 1993).

during this time, they can explore various ways of learning and playing, in addition to being a space where the caring relationship represented by the adult figure prevails.

Keywords: School recess. Elementary School Children. Childhood. Play.

INTRODUÇÃO

Durante a experiência da primeira autora no espaço escolar, deparou-se com muitos cenários, mas em poucos deles pode visualizar as crianças tomando suas próprias decisões e sendo livres para argumentar, agir, pensar e brincar. Dentre esses momentos de partilha, o que mais chamou atenção foram as diversas formas como as crianças se relacionam durante o recreio escolar, tanto com seus pares quanto com os adultos, e os processos interativos que atravessavam a brincadeira livre de forma espontânea.

Além disso, teve-se a oportunidade de vivenciar aulas no curso de Pedagogia que fizeram refletir sobre como a sociedade moderna passou a compreender a criança como ser social ativo e produtora de cultura. Assim, considera-se que para que se possa entender o espaço do recreio como essencial para o desenvolvimento da criança e discutir a relevância disso, é necessário que se analise antes o conceito de infância no corpo social e a concretização da criança como indivíduo de direito, estando ciente de que a criança já foi entendida sob a perspectiva da teoria da tábula rasa, “[...] segunda a qual o ser humano recém-nascido seria como uma espécie de superfície de cera maleável, onde os adultos poderiam ‘escrever’ aquilo que julgavam necessário ao seu desenvolvimento” (PINTO; SARMENTO, 1997, p. 40). Reforçando a ideia de um ser incompleto que necessita do adulto para tornar-se alguém, visão que ainda é muito presente na esfera escolar.

Ainda, mostrou-se intrigante a relação adulto-criança no momento do recreio, visto que a depender da intervenção que o adulto esteja executando, pode despertar na criança o sentimento de que tudo é perigoso ou proibido, causando certa confusão e limitando-a dentro do ambiente escolar, principalmente durante um intervalo de tempo que é essencial para interação entre as crianças, certo de que “A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e

potenciais para o desenvolvimento integral das crianças” (BRASIL, 2018, p. 37). Desse modo, torna-se pertinente garantir que as crianças sintam-se seguras dentro do contexto do recreio.

Com isso, cabe definir que, de acordo com o dicionário online da língua portuguesa, a palavra “recreio” está relacionada ao sentido de diversão, passatempo e distração, ou seja, carrega em seu significado a noção de um momento de descanso e lazer. Todavia, é importante direcionar nosso olhar para além disso. Pois, na rotina da escola o recreio é o momento mais aguardado pelas crianças, sendo uma das poucas ocasiões em que podem se reunir e apenas serem crianças. Evidentemente, nesse instante é possível perceber o quanto se sentem vivas e donas do espaço, pois elas ocupam cada centímetro e se espalham por todo o lugar.

Em conjunto com isso, é preciso conceber o recreio escolar não só destacando-o como primordial para o desenvolvimento infantil, mas também analisando a brincadeira livre orquestrada pelas crianças e sua relevância dentro do âmbito escolar e, desse modo, compreender que “As interações estabelecidas no brincar despertam nas crianças a iniciativa, a liberdade, a responsabilidade consigo mesmas e com os outros, permitem reelaborar, aprender sobre si mesmas, sobre os outros e suas relações no mundo” (SOUZA; FONSECA, 2020, p.112). E assim, considerar que a brincadeira assume uma função social, cultural e intelectual.

No mais, para o levantamento da bibliografia sobre o tema aqui explorado foram consultados os seguintes sites de busca: Repositório da UFPE - Universidade Federal de Pernambuco, o site Oasisbr - Portal Brasileiro de Publicações e dados Científicos em Acesso Aberto, o SciElo Brasil - A Scientific Electronic Library Online e o Google Acadêmico. Foram utilizadas as palavras chaves “recreio”, “recreio escolar” e “brincadeira livre”. E, para o referido levantamento, foi considerado o intervalo de tempo de 10 anos (2014 - 2024) no sentido de verificar se houve mudança na abordagem da investigação a respeito do recreio. Assim, constatou-se que diferentes perspectivas foram abordadas, a saber: a investigação do brincar no recreio escolar (CARDOSO; XAVIER; TEIXEIRA, 2017); a brincadeira e suas contribuições para o processo de aprendizagem e desenvolvimento (CORDAZZO; VIEIRA, 2007); as interações interpessoais no espaço do recreio (PEREIRA; PEREIRA; CONDESSA, 2016) e o

espaço-tempo do recreio como elemento formador do ser criança (PICANÇO, 2024).

Com isso, surge o problema de pesquisa que vai nortear este trabalho: Como a brincadeira livre tem sido exercida no recreio e qual tem sido o papel do adulto durante esse momento? Como objetivo geral desta pesquisa, visa-se apurar o modo como as crianças vivenciam a brincadeira livre no momento do recreio e suas implicações no processo de aprendizagem, e além disso, analisar a participação do adulto nesse contexto. E, no que tange aos objetivos específicos, pretendem-se: (I) mapear as brincadeiras livres realizadas pelas crianças no recreio, (II) analisar a relação adulto-criança durante o recreio, (III) entender como o recreio escolar e a brincadeira livre tem contribuído para a aprendizagem da criança a partir da perspectiva do educador.

Posto isso, comprehende-se que a construção dessa pesquisa assume seu lugar de importância pois visa falar sobre algo do cotidiano escolar que muitas vezes é visto sem a devida relevância e atenção necessária e, portanto, ao se falar sobre essa temática lança-se luz sobre algo que é de suma valor para o processo de aprendizagem das crianças. Tendo em vista que “A ação do brincar tem uma importância significativa, porque ela é concebida como atividade potencializadora das ações de descobrir, criar e pensar. É através da brincadeira que as crianças adquirem experiências internas e externas [...]” (CARDOSO; XAVIER; TEIXEIRA, 2017, p. 272). Sendo assim, o recreio assume um papel de construção da identidade do sujeito em meio ao mundo em que está inserido, contribuindo para sua formação social e cultural.

Assim, este trabalho está organizado em seções que dialogam no decorrer do texto. Nesse sentido, a primeira seção aborda a formulação da criança enquanto sujeito ativo na sociedade moderna e a noção de infância como um debate recente. Depois, foi necessário explicitar a concepção de brincadeira e brinquedo no contexto do recreio demonstrando sua importância para a criança. O segundo tópico ainda traz a relação do recreio com a brincadeira livre e discute sua notoriedade no desenvolvimento da criança. Já a última sessão da fundamentação teórica está destinada a discorrer sobre a relação adulto-criança e as noções de cuidado e poder que se entrelaçam e, por vezes, se fundem no cenário do recreio escolar. Por fim, o estudo expõe a parte da metodologia buscando demonstrar os meios utilizados para efetivação da pesquisa, as

análises e discussões com base nos dados obtidos e as considerações finais.

1. O RECREIO ESCOLAR E A BRINCADEIRA: UMA BREVE DISCUSSÃO A RESPEITO DA CRIANÇA E DO RECONHECIMENTO DA INFÂNCIA

O recreio é um dos momentos mais aguardados pelas crianças dentro da rotina escolar em que estão inseridas. Apesar disso, temos dado pouca atenção a um espaço-tempo que é tão crucial para o desenvolvimento das crianças, seja dentro da perspectiva sociocultural, que defende que o recreio “[...] é o espaço-tempo privilegiado para as crianças exercitarem sua sociabilidade, expressarem-se livremente, desenvolverem habilidades motoras, emocionais e sociais” (PICANÇO, 2024, p. 9); seja na relação direta com a aprendizagem, entendendo que “[...] é importante pensar o recreio como um momento rico para o desenvolvimento infantil, visto que traz possibilidades de exploração da autonomia, criatividade e imaginação infantis” (PICANÇO, 2024, p. 9); possibilidades essas que muitas vezes não ocorrem dentro da sala de aula.

Todavia, para discutirmos a relevância do recreio e sua relação com o brincar, é necessário dialogar antes sobre o conceito de infância e a visão que a sociedade moderna carrega a respeito da própria criança. Pinto e Sarmento (1997) apontam que existe uma contradição até mesmo nos estudos a respeito do mundo infantil, onde autores seguem linhas de pensamento distintas, podendo focar no que a criança já é ou buscando pesquisar o que ela *deve ser*, ou seja, o que lhe falta para se constituir enquanto criança. No entanto, essas discussões tornam-se valorosas de serem analisadas para que se possa refletir sobre o lugar que a criança ocupa na sociedade.

Assim, ao se falar sobre a constituição da infância e os pontos que são cruciais para a criança durante essa fase, adentra-se em um campo relativamente recente no meio educacional, pois o entendimento e estrutura do funcionamento da escola precede a entrada da criança dentro desse espaço.

Dessa forma, a infância se une à escola, surgindo a relação entre o ser criança e o ser aluno. As crianças, ao fazerem parte do ambiente escolar, tiveram, e ainda têm, de aprender modos de agir, de ser e de se comportar como alunos, sendo tais ações vistas, muitas vezes, como naturais, necessárias e inevitáveis, e não como uma construção social que pode e precisa ser mudada (FANTONI; SANFELICE, 2018, p. 176).

E, nesse sentido, a escola que antes era vista apenas como mecanismo de instrução e progresso para o mercado de trabalho, “Com a divulgação da imprensa e o crescente interesse pela alfabetização, num quadro mais vasto de mudança social e de ascensão de uma burguesia mercantil, vai lentamente surgindo o interesse pela educação infantil [...]” (PINTO; SARMENTO, 1997, p. 36); agora cumpre o papel de formação do indivíduo de modo integral em conjunto com a família, conforme pode-se verificar no Art. 205 da Constituição Federal:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Dentro dessa noção, cabe ao Estado uma responsabilização maior na formação dos sujeitos que estão inseridos na sociedade, e a educação torna-se um pilar crucial para isso, conforme mencionado e novamente reforçado no Art. 2 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996).

Ademais, com a entrada da criança no âmbito educativo a escola moderna precisa repensar o modo como ensina, para quem ensina e o porquê. A educação assume então um papel mais significativo para o sujeito, entrelaçando o ensino com a vivência do aluno. Fora isso, as crianças passam a demandar outras necessidades que são importantes ao longo da infância e, diante disso, cabe à escola não só compreender essa fase em sua plenitude como também trabalhar para o desenvolvimento e aprendizado da criança durante esse percurso.

Desse modo, ressalta-se a perspectiva de Vigotsky (2007) quanto ao desenvolvimento e aprendizado que, segundo o autor, não ocorrem somente no espaço escolar, mas se configuram a partir do nascimento da criança. Ou seja, desde que nasce a criança está em processo de aprendizado e desenvolvimento, ainda que este aprendizado seja não sistematizado. Assim, Vigotsky comprehende que “Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma

história prévia” (2007, p. 94). Portanto, “[...] o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daquelas que as cercam” (VIGOTSKY, 2007, p. 100); sendo essencial a interação tanto com outras crianças como com adultos nesse percurso.

Logo, é também necessário pensar a infância como uma construção social e não como algo natural que simplesmente emergiu na modernidade, assimilando que “Ao refletirmos o conceito de infância estabelecemos novos caminhos para pensar no direito da criança perante a sociedade” (PICANÇO, 2024, p. 7). Todavia, para que houvesse a valorização da infância no atual cenário, mudanças vitais tiverem que acontecer, inclusive na legislação brasileira. E, como exemplo, pode-se citar o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que foi criado com o intuito de proteger e zelar pelo bem-estar das crianças, garantindo-lhes direitos em todo território nacional, conforme explicitado no Art. 4:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

Dito isso, é válido ressaltar que até meados do século XVII as crianças viviam uma realidade destinada ao trabalho, elas eram vistas como pequenos adultos em formação e realizavam tarefas exclusivamente relacionadas ao sistema fabril. Assim, é interessante refletir que:

[...] no sentido em que a entendemos hoje em dia, a infância constitui uma realidade que começa a ganhar contornos a partir do séculos XVI e XVII, embora só praticamente nos últimos 150 anos adquire, de facto, expressão social, não só no plano da anunciação e dos princípios, como também, e sobretudo, no plano da prática social generalizada (PINTO; SARMENTO, 1997, p. 43).

Em vista disso, antes da formulação do conceito de infância/criança, as brincadeiras pertinentes ao contexto da criança foram o último fenômeno a se investir quando se pensa no universo infantil. A dura realidade vivida pelas crianças não permitia a elas sonhar, brincar ou imaginar, pois não se tinha noção do quanto isso é essencial para a desenvoltura e composição da identidade da criança.

Sendo assim, especificamente no Brasil, mudanças como a formulação do Estatuto da Criança e do Adolescente trazem consigo um peso de significância histórica, e mais do que isso, reforça a identidade da criança como um sujeito de direitos. Pois, ao instituir no Art. 15 que “A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis” (BRASIL, 1990); reforça-se o compromisso do Estado com a criança.

Dessa maneira, a definição e exercício da lei fortalece a visão digna sobre a criança, assim, coloca-a como indivíduo autônomo e racional dos processos civis, respeitando sua individualidade e considerando-a cidadã ativa no meio social e não apenas como mero receptor de informações e normas. Ainda, julga-se importante frisar que no inciso “IV - brincar, praticar esportes e divertir-se” (BRASIL, 1990); do Art. 16 do Estatuto da Criança e do Adolescente, o brincar está descrito como um aspecto correspondente ao direito à liberdade, e é o único momento em que a palavra brincar é mencionada em todo o documento. Nessa lógica, podemos compreender que garantir o direito de brincar para a criança é o mesmo que firmar sua liberdade perante a lei e sociedade em que está imersa.

Em face do exposto, a identidade da criança enquanto indivíduo social acompanha também o conceito de infância estando intimamente relacionado a ele. Não existe infância sem criança, pois a infância trata-se de um conceito e a criança é o sujeito concreto dessa fase. Em suma, tal debate torna-se interessante para que se possa elucidar e discorrer o porquê os momentos da brincadeira, como ocorre no recreio escolar, ainda consistem em um lugar de pouca visibilidade e que carece de atenção mesmo se tratando de um espaço atravessado primordialmente pela cultura infantil.

2. O RECREIO ESCOLAR, A BRINCADEIRA E O BRINQUEDO

É praticamente impossível não relacionar o recreio à ação do brincar e ao brinquedo, visto que tais elementos fazem parte desse momento. No entanto, compete ressaltar a diferença entre esses dois conceitos, sabendo que “O brinquedo tem como

princípio *estimular* a brincadeira e *convidar* a criança para esta atividade. A brincadeira é definida como uma atividade livre, que não pode ser delimitada e que, ao gerar prazer, possui um fim em si mesma” (CORDAZZO; VIEIRA, 2007, p. 91, grifo nosso). Diante disso, o brinquedo constitui um objeto simbólico que pode fazer parte da brincadeira, todavia, a brincadeira não depende do brinquedo para existir enquanto ação da criança.

Em vista disso, o brinquedo deve ser interpretado como um recurso que pode ser explorado de forma positiva no contexto da brincadeira e um importante aliado para construção da autonomia da criança, na medida em que “[...] no brinquedo a criança é livre para determinar suas próprias ações” (VIGOTSKY, 2007, p. 123). Vigotsky (2007) ainda afirma que por meio do brinquedo a criança utiliza do seu imaginário para criar cenários que estão relacionados ao mundo onde ela está inserida. Ao criar situações, a criança assume papéis sociais que deseja ou que para ela tem algum sentido/prazer, e esses cenários também estabelecem relação com o mundo adulto, entendendo que “A essência do brinquedo é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual - ou seja, entre situações no pensamento e situações reais” (VIGOTSKY, 2007, p. 124) que para a criança faz total sentido.

Assim, por meio do brinquedo, a brincadeira revela outras possibilidades dentro do campo da imaginação e da interação, mostrando outras nuances do comportamento das crianças e da cultura infantil. E, portanto, o recreio torna-se um lugar de prestígio para utilização do brinquedo e da ação do brincar podendo “[...] contribuir para situações de aprendizagem intimamente relacionadas ao desenvolvimento integral da criança” (PICANÇO, 2024, p.8-9). Desse modo, é de suma importância que a criança possa vivenciar o momento da brincadeira junto com o brinquedo e que a escola possa promover esses momentos.

Em síntese, é válido reafirmar que brincar é aprender, especialmente para a criança, porque

Ao analisar as contribuições da brincadeira para o desenvolvimento global da criança, percebe-se que essa atividade tão simples incide diretamente no que diz respeito às possibilidades humanas: habilidades, capacidades, inteligências múltiplas e competências com as quais a pessoa nasce e das quais necessita ao longo de sua vida e em diferentes situações. (NOGARO; FINK; PITON, 2015, p. 282).

Logo, comprehende-se que o espaço educacional precisa proporcionar e estimular tais vivências, atribuindo-lhe sentido pedagógico, dado que a escola é um dos lugares onde as crianças passam grande parte de seu tempo, e devido a isso, tal ambiente assume um papel importantíssimo no desenvolvimento delas.

2.1 O RECREIO ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM A BRINCADEIRA LIVRE

O recreio escolar assume um lugar de liderança quando o assunto é a brincadeira livre. E, de fato, esse intervalo de tempo deve ser destinado principalmente para algo mais espontâneo que possa aguçar a curiosidade e imaginação das crianças, tornando-as livres para fazerem suas próprias escolhas, organizarem-se coletivamente e estabelecerem limites entre o que querem ou não. Portanto, o recreio demarca-se como um lugar de e para a brincadeira, sendo impossível pensar nesse espaço sem relacioná-lo com o brincar livre.

Posto isso, é interessante destacar que a brincadeira livre propõe o estímulo à imaginação, à vivência do momento sem que haja um planejamento prévio, diferentemente do que ocorre com os jogos e brincadeiras ministrados na sala de aula, ficando a cargo das crianças uma organização entre elas. Logo, durante o recreio, podemos verificar que várias brincadeiras são executadas ao mesmo tempo por diversos grupos, pois “O brincar é a principal atividade da infância, porque é a forma de viver da criança” (CARDOSO; XAVIER; TEIXEIRA, 2017, p. 272). E, por esse lado, torna-se uma ação fundamental para o amadurecimento e construção da identidade da criança enquanto sujeito.

Contudo, dentro do cotidiano da escola, o tempo do recreio não pode ser visto como um único momento em que as crianças se sintam produtoras de conhecimento e autônomas o suficiente para tomar decisões. O exercício da brincadeira livre precisa perpassar o ambiente educacional em seus distintos espaços, ultrapassando paredes e estabelecendo uma relação direta com os aspectos pedagógicos, dado que “utilizar a brincadeira como um recurso é aproveitar a motivação interna que as crianças têm para tal comportamento e tornar a aprendizagem de conteúdos escolares mais atraente” (CORDAZZO; VIEIRA, 2007, p. 98). Por isso, a brincadeira deve ser vista como aliada do processo de aprendizagem, tendo grande influência dentro do contexto

infantil.

Dessa forma, é preciso constatar que o conceito de recreio excede um mero momento de descanso, tanto para os alunos como para os educadores. Tal espaço-tempo precisa ser encarado como algo que faz parte do projeto pedagógico da escola, e com isso garantir sua relevância na formação do indivíduo. Pois,

Reconhecer o recreio como um espaço-tempo privilegiado para as culturas infantis, para as brincadeiras e interações entre pares, abre caminho para abordagens pedagógicas que respeitem a criança, suas formas de ser e estar no mundo. (PICANÇO, 2024, p. 10)

Portanto, é essencial que a escola veja o recreio como uma zona de oportunidades para construção da aprendizagem que ocorre dentro e fora da sala de aula, analisando e respeitando os limites de cada criança e visualizando as habilidades que não são possíveis de serem percebidas em outros espaços. Desse modo, conforme afirma Souza (2009), é necessário pensar o recreio como um espaço que precisa ter visibilidade, mas acima de tudo é de suma importância que as crianças possam brincar livremente e que os profissionais estejam disponíveis, o que “não implica dizer que deva ser um espaço de controle e de atividades direcionadas” (SOUZA, 2009, p. 129); mas que preferencialmente seja um ponto de incentivo às diversas formas de brincar e de ser criança.

Posto isso, é preciso contemplar o recreio como um momento em que a criança possa ser apenas criança e entender que “Brincar é o verbo da criança. É a maneira como ela conhece, experimenta, aprende, vivencia, expõe emoções, enfrenta conflitos, elabora-os ou não, interage consigo e com o mundo” (NOGARO; FINK; PITON, 2015, p. 283.). Resumidamente, brincar é coisa séria para a criança, é a maneira como ela vive e se conecta com o mundo, e de certo modo, o recreio faz parte desse mundo.

3. A RELAÇÃO ADULTO-CRIANÇA NO RECREIO ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE AS NOÇÕES DE CUIDADO E PODER

O recreio escolar é um lugar onde perpassam muitas relações e emoções que ao estabelecerem conexões tornam-se momentos únicos, tanto para a criança como para o adulto. Contudo, as relações interpessoais firmadas podem enfrentar diversos

desafios, sendo um deles o choque entre a cultura infantil e o mundo adulto. Devido a isso, configura-se presente e pertinente trazer reflexões que nos ajudem a entender a relação adulto-criança, como ela se dá dentro da rotina onde o recreio está inserido, e por meio disso, buscar viabilizar argumentações que possam tornar esse momento mais harmônico e seguro para o processo de amadurecimento das crianças.

Dessa forma, é preciso que se possa voltar novamente ao ponto inicial dessa conversa, que foi apresentado na primeira sessão deste estudo, onde foi discutido a formação da criança enquanto indivíduo social ativo e a constituição do conceito de infância. Para compreender o que acontece no recreio escolar e, consequentemente, na relação adulto-criança, é necessário que possamos dialogar com o entendimento do que nós, enquanto adultos, julgamos ser ações próprias da criança e o que de fato é ser criança dentro da visão do adulto.

Em face disso, nota-se que, ao longo da história, as crianças já foram representadas como adultos em miniatura, elas estavam inseridas na realidade do adulto e não existia a ideia de infância (PINTO; SARMENTO, 1997). Desse modo, historicamente, ainda carrega-se a percepção de que as crianças devem agir segundo as regras da realidade do adulto e que tudo fora disso, inclusive a ação de brincar, deve ser perdido para que gere um crescimento que, muitas vezes, queremos que ocorra de forma precoce. A criança moderna ocupa um lugar jamais visto antes, onde dentro da situação social na qual se encontra exige-se muito para que ela se desenvolva depressa e esteja pronta para o mundo, sem levar em conta a cultura infantil e tudo que atravessa a identidade da criança como indivíduo autônomo e que, posteriormente, servirá como base para sua formação enquanto sujeito adulto.

Porém, muitas mudanças ocorreram e com o estabelecimento da fase da infância e, por consequência, as relações de cuidado que passam a acompanhar o desenvolvimento da criança, os adultos passaram a ocupar um espaço de cuidador integral. Sendo assim, o bem-estar da criança e sua sobrevivência passam a depender exclusivamente do adulto por ainda mais tempo. E a escola torna-se um dos espaços propícios para o cuidado das crianças, desse modo, “[...] a proteção e a formação da criança, reconhecidas como necessárias, vão passar a recorrer a instituições específicas, escalonadas por níveis etários, e vão passar a recorrer a dois ingredientes

aparentemente contraditórios: a ternura e a severidade” (PINTO; SARMENTO, 1997, p. 36). Consequentemente, surge a relação de cuidado e poder que em muitos momentos se funde dentro da rotina escolar e, como efeito, demonstra-se também presente no recreio.

Devido a isso, a escola passa a exercer um papel de disciplinarização na formação das crianças. A grande questão é quando a normatização da relação de poder vem disfarçada de zelo. Entende-se que disciplinarizar está relacionado à docilidade de corpos e desejos (GALLO, 2004), com intuito de controle de ações e vontades dos indivíduos que passam pelo espaço educacional. Em face disso, cabe destacar a concepção de Foucault com relação a definição de poder, visto que para ele

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer esse poder e de sofrer a sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido de poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (FOUCAULT 1984, p.183 *apud* GALLO, 2004, p. 88).

Desse modo, o poder deve ser entendido como algo que se move nas relações, não sendo possível contê-lo ou concentrá-lo como algo fixo. Todas as relações estabelecidas são relações de poder, seja no contexto social ou da própria escola, já que esta também é analisada como aparelho de execução do poder. Também é válido conceber que toda relação de poder possui intencionalidade e isso nos dá uma base para continuarmos a discussão trazendo para o contexto do recreio, objeto principal a ser analisado neste estudo.

Conforme o exposto, podemos verificar que as conexões firmadas entre adultos e crianças ganham outros contornos pelo uso do poder. No entanto, é fundamental analisar tais aspectos dentro do espaço da brincadeira porque, mesmo que se tenha conhecimento do quanto o ato de brincar é importante para o crescimento da criança, ainda estamos presos a visão de poder onde as crianças devem fazer aquilo que queremos ou que julgamos ser seguro, mas seguro para quem e de quê? Será que de fato é necessário tanto controle em um ambiente que, por sua estrutura, já deveria ser seguro? O que muitas vezes identificamos é que “As interações das crianças com os

adultos no recreio escolar são pontuais e acontecem, essencialmente por motivos de segurança, proteção e moderação de conflitos” (PEREIRA; PEREIRA; CONDESSA, 2016, p. 128). Então, o adulto acaba sendo visto apenas como alguém que sempre está controlando, vigiando e punindo, deixando a relação adulto-criança cada vez mais distante e rígida.

Ainda assim, é compreensível que o adulto, seja este auxiliar, professor ou cuidador, haja de maneira muitas vezes incisiva quando falamos da relação de cuidado. Existe de fato uma preocupação para que a criança não venha a se machucar ou machuque o seu próximo, e tal atenção é genuína e merece ser validada. O cuidado no recreio é necessário e não pode deixar de existir. Mas, é fundamental que os adultos também possam contribuir nos momentos de brincadeira, sabendo que “[...] o ato de brincar proporciona, tanto às crianças quanto aos adultos, que estes interliguem as coisas entre si, e, ao relacioná-las, construam o conhecimento” (CARDOSO; XAVIER; TEIXEIRA, 2017, p. 275), e assim possam conceber uma relação mais harmônica.

Por fim, encerra-se essa sessão consolidando a importância da relação entre adultos e crianças durante o recreio escolar. Julgando que esse tempo precisa ser realizado com o intuito de troca de experiências e conhecimentos, mas que principalmente deve ser trabalhado para que se possa entender as crianças enquanto sujeitos únicos e responsáveis, sem que seja necessário escolher por elas do que brincar e como brincar. Enquanto adultos, é preciso que os profissionais da educação busquem interpretar a realidade infantil e, assim, possam dialogar com as crianças ao invés de apenas punir suas ações quando estão fora do que estabeleceu-se como adequado.

METODOLOGIA

Este trabalho está fundamentado na abordagem de caráter qualitativo, de natureza básica, configurado como um estudo de caso com objetivo descritivo e exploratório. Segundo Minayo (1994), a pesquisa qualitativa tem como propósito reunir dados sobre a realidade social, através de crenças, histórias, valores, significados e atitudes. “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica

das relações sociais” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32). Desse modo, esse estudo está focado em analisar os dados coletados de forma detalhada e específica, não sendo preciso quantificar o que foi construído durante sua realização.

Nesse sentido, foram utilizadas as técnicas de observação participante, diário de campo, entrevista semiestruturada e análise documental. A observação participante foi importante para verificar o momento da brincadeira presente no recreio escolar, onde ocorreu maior interação direta com as crianças que são fonte de curiosidade e buscam entender tudo aquilo que chega como algo novo dentro da rotina delas. E, de acordo com Lüdke e André (1986, p. 26), “A observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado”, sendo tal técnica extremamente necessária diante da proposta aqui apresentada. Por conseguinte, foram feitas seis visitas a campo onde se fez uso do diário de campo durante e ao final das observações. As anotações realizadas foram utilizadas para relacionar o material coletado nas entrevistas com a análise documental.

A entrevista semiestruturada foi realizada com o intuito de investigar a relação do educador com o recreio escolar e a sua concepção a respeito do atributo pedagógico que o recreio pode exercer na rotina, inclusive na aquisição de conteúdos trabalhados dentro da sala de aula. A participação na entrevista foi voluntária e será mantido o sigilo e anonimato das professoras entrevistadas. Para isso, cada entrevistada está denominada com nomes fictícios, ficando estabelecido o nome de três flores para diferenciá-las: Margarida será a professora do 2º ano, Lírio será a educadora do 3º ano e Girassol corresponde a do 4º ano.

Como critério do campo a ser estudado, foi escolhida uma escola de caráter público, com segmento no Ensino Fundamental dos Anos Iniciais, tendo em vista que as crianças na faixa etária desse segmento (6 a 10 anos) ainda estão inseridas no universo da brincadeira, embora exista uma restrição maior porque o conteúdo escolar acaba ocupando mais espaço na rotina delas. A escola que foi objeto dessa pesquisa, configurada em um estudo de caso, faz parte da rede municipal do Recife e fica localizada na zona Norte.

A escolha da escola se deu pelo fato da dificuldade em encontrar instituições que ainda proporcionam o momento do recreio. Durante a busca pela instituição, foi

verificado que atualmente o recreio tem perdido ainda mais espaço na rotina escolar, ficando reservado apenas o momento do lanche. Tal fato também ocorre devido às limitações da estrutura física das instituições municipais, que por vezes não conseguem atender às demandas das crianças, sendo assim, o espaço da brincadeira fica restrito à sala de aula quando o educador julga necessário ter esse momento com elas.

O primeiro contato com a escola foi realizado por telefone, onde foi apresentada a temática da pesquisa e o seu objetivo central. Participaram da pesquisa três educadoras formadas em Pedagogia e atuantes nas turmas do 2º, 3º e 4º anos. O planejamento inicial era entrevistar cinco educadoras, considerando todas as turmas do Ensino Fundamental dos Anos Iniciais (1º ano 5º ano), todavia, devido à demanda das professoras do 1º e 5º ano a entrevista não chegou a ser realizada.

Por fim, foi solicitado acesso ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola com intuito de fazer uma análise documental, buscando verificar se neste documento o recreio escolar é mencionado e se existe uma preocupação com esse espaço-tempo destinado à brincadeira dentro da rotina, visando compreender se o recreio é entendido como parte do plano pedagógico da escola.

Como procedimento analítico, foi adotada a análise temática, considerando que se buscou “[...] fornecer uma descrição mais detalhada e diferenciada sobre um determinado tema específico ou grupo de temas, dentro da análise de dados” (ROSA; MACKEDANZ, 2023, p. 10), o que se considera essencial para consolidação da pesquisa, visto que será necessário reunir e esmiuçar as informações levantadas com objetivo de tornar a discussão mais clara e abrangente. Além disso, a abordagem da análise temática envolve seis fases que são trabalhadas com base nos dados obtidos, são elas: familiarização dos dados, geração dos códigos iniciais, busca por temas, revisão dos temas, definição e denominação dos temas, e por fim, produção do relatório.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

1. O CONTEXTO ESCOLAR

O objeto de estudo desta pesquisa é uma escola municipal localizada em um bairro da zona norte do Recife. A escola tem capacidade para atender em torno de 200 crianças, conforme informado pela coordenação da instituição. Atualmente, o local de ensino atende crianças que estão matriculadas no segmento do Ensino Fundamental dos Anos Iniciais, ou seja, do 1º ano ao 5º ano, nos turnos da manhã e tarde. A escola também atende um número considerável de crianças com deficiência ou transtorno do desenvolvimento/aprendizagem, e devido a isso, busca proporcionar uma visão inclusiva, com acompanhamento especializado e individualizado.

No que tange à estrutura física, a instituição de ensino possui uma boa conservação e passou por uma requalificação e ampliação no ano de 2022. Todas as salas são climatizadas, possui refeitório, sala de leitura e sala de recursos para atender às crianças com necessidades específicas. Apesar de apresentar uma estrutura física pequena, a escola é bem dividida em seus espaços administrativos, de ensino, recreação, alimentação, entre outros.

Ainda, no espaço destinado à recreação, temos uma quadra poliesportiva de porte médio onde ocorrem grande parte das brincadeiras no momento do recreio, além disso, conta com uma arquibancada pequena. Algumas marcas se fazem presentes na estrutura da quadra devido ao desgaste do tempo, mas é um espaço fechado e bem conservado. No entanto, as crianças precisam dividir a área durante o intervalo para que todas consigam brincar.

Devido a isso, o recreio ocorre em sequência para todas as turmas, considerando o tempo de 20 minutos para cada uma. Desse modo, cada turma utiliza a quadra em um horário diferente e específico, evitando assim que turmas distintas se encontrem no mesmo espaço. No cotidiano, as meninas e os meninos tendem a dividir a quadra em dois lados, onde frequentemente utilizam para brincar de modos distintos, porém, em alguns momentos foi possível observar que entravam em acordo para brincarem da mesma coisa e assim utilizarem toda a área.

2. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS E OBSERVAÇÕES

A pesquisa apresentada utilizou do método da análise temática, que envolve seis passos a serem seguidos com base nos dados coletados no decorrer do estudo. Assim, o *primeiro passo - Familiarização com os dados* foi rever todos os dados e notar similaridades e repetições encontradas nas três técnicas, ou seja, as observações, entrevistas e análise documental. Para isso, foi necessário construir um documento com todas as informações que foram percebidas de modo latente e que seriam relevantes nos momentos seguintes.

As transcrições das entrevistas foram marcadas com cores distintas a depender do assunto abordado, o diário de campo que continha as anotações das observações foi revisitado diversas vezes e teve papel fundamental para comparar e estabelecer conexões com as falas trazidas pelas educadoras entrevistadas. Já o documento do Projeto Político Pedagógico (PPP) fornecido pela escola estava em processo de atualização, e a cópia entregue não tinha tantas informações, além disso, na análise feita não foi possível encontrar nada que estivesse relacionado ao momento do recreio.

Em consonância com isso, o *segundo passo - Geração dos códigos iniciais* envolveu a criação de códigos que foram cruciais para a escolha dos temas na terceira etapa. Este segundo passo abrangeu a criação de códigos por meio dos dados obtidos com intuito de codificar temas/padrões que podem ser utilizados ou descartados nas fases seguintes da pesquisa. Logo, o objetivo dessa fase é organizar e combinar o máximo de informações possíveis dentro do contexto onde os dados estão inseridos, criando os códigos bases para os temas apresentados aqui.

Dando continuidade, o *terceiro passo - Busca por temas* envolveu uma análise minuciosa e focada nos códigos criados. Nessa fase, ocorre o agrupamento dos extratos que são relevantes e podemos abranger em temas ou subtemas que serão trabalhados nas fases seguintes. Esse passo envolve a triagem dos códigos que serão transformados em possíveis temas, assim, os códigos que não forem relevantes podem ser desconsiderados durante esse processo.

Já o *quarto passo - Revisão dos Temas* diz respeito ao refinamento dos temas encontrados e revisão dos códigos gerados por meio dos dados. Essa fase fica

destinada também à junção de temas que se relacionam de alguma forma dentro dos dados construídos. Além disso, ainda nessa fase, a revisão de todo o banco de dados ocorre para que se tenha solidez quanto aos temas escolhidos, buscando garantir que os temas gerados tenham dados suficientes para sustentá-los.

A próxima etapa da análise está pautada pelo *passo cinco - Definição e Denominação* dos temas que foram selecionados, nesse passo algumas mudanças foram possíveis com o intuito de trazer à tona a essência dos temas discutidos. Foram identificados dois temas que estão no centro das discussões dessa pesquisa, são eles: O saber também brinca no pátio, Entre o brincar e o cuidar: A ação docente no recreio. Dito isso, segue-se para o *sexto passo - Produção do relatório* onde se apresentam os temas de forma precisa e cuidadosa, utilizando dos dados construídos para discutir os pontos levantados pela pesquisa e trazer os resultados obtidos.

3. O SABER TAMBÉM BRINCA NO PÁTIO

Se o saber brinca no pátio, são as crianças quem coordenam a brincadeira. E, ao fazerem isso, tornam-se protagonistas e produtoras de seu próprio conhecimento. Foi com este cenário que este estudo se deparou ao analisar o momento do recreio escolar e o fazer pedagógico que só esse espaço tem a potencialidade de proporcionar. Diante disso, as contribuições trazidas neste tema buscam reforçar como a brincadeira e o saber caminham juntos dentro de um contexto marcado pelo universo infantil e suas particularidades, e que o conhecimento também se encontra fora da sala de aula.

Posto isso, ao longo das observações e entrevistas realizadas, foi possível notar que o recreio exerce uma função essencial na rotina da escola, não só no sentido de garantir o direito de brincar, mas também como instrumento de fortalecimento do processo de aprendizagem dentro e fora da sala de aula. Tal afirmação coincide com as falas trazidas pelas educadoras Lírio e Girassol quando questionadas sobre qual seria a importância do recreio escolar no processo pedagógico. De acordo com **Lírio**,

“[...] esse momento de parque ele quebra essa parte que eles têm para correr, para brincar, para conversar, para se relacionar entre eles. Então, eu

acho muito rico, muito importante, e eu acho também que é uma forma de aprendizado. Aprender regras, aprender a socializar, respeitar”.

Já no entendimento de **Girassol**:

“[...] ninguém aguenta ficar quatro a cinco horas sentado direto na sala. Então, é importante esse horário que eles extravasam, eles jogam, eles se comunicam mais dinamicamente, eles aprendem a partilhar né, a respeitar, a ver se um tá fazendo algo certo ou outro está fazendo algo errado e daí vai.”

Desse modo, a visão das educadoras torna-se otimista e de valorização deste tempo destinado exclusivamente para as crianças. Portanto, compreendem o recreio como dispositivo que contribui para o desenvolvimento da criança na escola, esclarecendo que o conhecimento e evolução do processo de aprendizagem não ocorre somente na sala de aula, mas se encontra também no meio da brincadeira (SOUZA, 2009; CORDAZZO; VIEIRA, 2007; PICANÇO, 2024). Discernir isso é pertinente para consolidar que a escola é um espaço coletivo de trocas, onde tanto os adultos como as crianças estão em constante crescimento e cada minuto destinado ao recreio torna isso ainda mais vívido e presente.

Além disso, foi perceptível o quanto o recreio é definido pela presença da brincadeira livre e como esta é a grande responsável por transformar o conhecimento em algo único, independente do espaço. Desse modo, percebeu-se que mesmo com as restrições do ambiente físico da escola analisada e a ausência de materiais estimulantes como os brinquedos, que são objetos motores para a imaginação e interação dentro do mundo real (VIGOTSKY, 2007), as crianças sempre davam um jeito de brincar. E, tal fato foi possível de ser reconhecido na prática, onde cabe destacar que as principais brincadeiras orquestradas pelas crianças foram futebol, queimado vôlei e sete cortes. No entanto, também é válido salientar que a bola foi o único objeto fornecido para o momento da brincadeira em todos os dias observados, o que nos fazer uma ideia de que há um condicionamento para a repetição das mesmas brincadeiras.

Assim, evidencia-se que o momento da brincadeira livre, apesar de ser importante dentro do processo de construção do saber, acaba sofrendo uma certa defasagem devido à ausência de materiais estimulantes que podem fornecer para as crianças outras possibilidade de brincar e criar novas conexões criativas que estão tão presentes nelas. Além disso, outras brincadeiras que foram verificadas em algumas observações poderiam ser mais exploradas no cotidiano das crianças, como por exemplo: pega-pega, desenhar e pintar, brincar de casinha, massinha de modelar e jogo de cartas, sem necessariamente recorrer ao uso dos brinquedos ou outros artifícios que podem demandar um certo custo. Todavia, ainda diante dessas questões, é importante frisar que o recreio é um campo perpassado pelo aprendizado (PICANÇO, 2024) e que vale a pena lutar para que esse momento continue existindo dentro da rotina da escola, garantindo assim o fortalecimento de viver a infância, respeitando as ações das crianças e seu modo de explorar o mundo.

4. ENTRE O BRINCAR E O CUIDAR: A AÇÃO DOCENTE NO RECREIO ESCOLAR

O trabalho docente é fortemente demarcado pelo ato de cuidar, e isso não é novidade no contexto escolar. Essa concepção pode ser explicada por dois motivos principais, primeiro devido ao modo como a sociedade enxerga o papel da mulher enquanto cuidadora em tempo integral, o que acaba refletindo no campo profissional onde “[...] a mulher passa a ter sua figura cada vez mais presente no âmbito escolar, principalmente no ensino primário, por associarem o cuidado com as crianças ao instinto materno, à delicadeza feminina” (DE AZEVEDO, SBRIBSSA, 2023, p. 739). E, em segundo, o lugar que a educação ocupa enquanto espaço que foi feito para buscar assistir e atender às necessidades da criança de modo a formá-la enquanto indivíduo social e cultural (PINTO, SARMENTO, 1997), estabelecendo que o adulto é a figura principal para guiar e zelar por tal formação.

Dito isso, a realidade encontrada no decorrer desta pesquisa não foi tão diferente do que está explícito acima. No entanto, é preciso discorrer sobre a representação das docentes no recreio como algo essencial e que a presença delas no decorrer desse momento faz toda a diferença. Desse modo, a partir da situação

explorada, ficou evidente que a ação das professoras no recreio estava muito mais relacionada ao cuidado e mediação de conflitos (PEREIRA; PEREIRA; CONDESSA, 2016), do que ao controle e poder de disciplinarização sobre os atos das crianças, (GALLO, 2004), conforme tinha sido julgado e discutido no terceiro ponto do referencial teórico.

Portanto, ressalto que nas entrevistas realizadas todas as professoras responderam que acompanham o recreio todos os dias e, além disso, elas demonstram certa satisfação em fazer parte disso, pois, ao longo desse momento onde o brincar e o cuidado se fundem, elas podem conhecer melhor as crianças. Assim, cabe trazer a fala da professora **Girassol** quando perguntada se acompanhava o recreio:

“[...] aqui a gente acompanha e conhece até melhor a criança, porque você sabe o porquê a criança é mais briguenta na sala, apresenta o mesmo comportamento no recreio, e que aquela criança que quer dividir e participar de tudo também reflete na sala de aula, então a gente conhece melhor o aluno nas atividades de recreação.”

Também questionada sobre o acompanhamento no momento do recreio, **Lírio** reforça a ideia de riqueza desse espaço:

“[...] esse momento é muito rico porque é quando a gente vai observando o aluno não só na parte de coordenação motora grossa, mas também com a socialização, como é que eles socializam com os outros colegas, com os pares. [...] se ele tem temperamento muito forte ou se não tem, se está de acordo com os diálogos, se ele consegue conversar e fazer acordo com os pares”.

Portanto, e por meio dessas situações, elas percebem com seus olhos vigilantes e atentos os comportamentos, o processo de socialização entre as crianças, momentos de empatia, respeito, cuidado mútuo, diálogo e coletividade. Ideia também reforçada pela educadora **Girassol** durante a entrevista, onde foi perguntada sobre a importância

que ela atribuía ao recreio e à brincadeira livre na rotina da criança:

“[...] É tipo a liberdade, a liberdade é boa em qualquer idade... Porque você está ali dentro e de repente você vê uma área dessa e ele está livre para pensar, correr, decidir. [...] enquanto a gente está em sala de aula é o comando do professor, e aqui não, eles estão entre eles e estão se dominando, se organizando entre eles e buscando autonomia.”

Sendo assim, um tempo enriquecido de integração e vivência da cultura infantil por meio da brincadeira livre, onde as crianças estão tomando suas próprias decisões sem tantas interferências por parte do adulto.

Ademais, por meio das observações também notou-se uma preocupação maior das professoras com os alunos com deficiência/transtorno de desenvolvimento que não estavam sendo acompanhados individualmente e, portanto, demandam mais atenção e cuidado nas brincadeiras. Entretanto, as docentes também trouxeram o recreio como um importante aliado na integração e socialização desses alunos que, muitas vezes, não conseguem interagir com os demais dentro da sala de aula. Como exemplo, podemos citar a fala trazida pela educadora **Margarida** quando questionada sobre a importância do recreio no processo pedagógico:

“[...] esse recreio é importante porque dá aquela quebrada e eles brincam. Você pode observar que tem muitos alunos especiais que não interagem na sala de aula... [...] você observa no grupo o comportamento, às vezes na sala eles são de um jeito e no recreio de outro”.

Em suma, se torna visível que educação e cuidado caminham juntos quando estamos imersos no âmbito da brincadeira. Dessa maneira, o recreio escolar torna-se um meio de demonstrar isso com mais veemência, estabelecendo uma relação de certa harmonia entre o mundo infantil e as vivências do adulto. Colocando em evidência o pensamento de Souza (2009), onde ela discorre que durante o recreio a criança precisa viver a infância por meio da brincadeira, mas que a supervisão do

adulto e sua disponibilidade para tornar esse espaço seguro faz toda diferença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, buscou-se mapear as brincadeiras livres realizadas pelas crianças no recreio, analisar a relação adulto-criança durante o recreio e entender como o recreio escolar e a brincadeira livre tem contribuído para a aprendizagem da criança a partir da perspectiva do educador. Nesse sentido, o resultado aqui apresentado engloba o recreio como parte essencial do processo de aprendizagem que se constitui presente no cotidiano da escola.

Nesse sentido, constatou-se que as principais brincadeiras orquestradas pelas crianças incluíam jogos com uso de bola como futebol, queimado, vôlei e sete cortes. Assim, tendo a bola como objeto principal na hora da brincadeira, as crianças se dividiam, geralmente entre um grupo de meninas e outro de meninos, e se organizavam para discutir qual seria o jogo que iria prevalecer, mas também mudavam de ideia com certa facilidade, o que permitia que pudessem brincar de várias formas. E, permitir esse momento de brincadeira livre se torna essencial para que elas possam explorar sua imaginação, autonomia, espontaneidade e responsabilidade, respeitando as diferentes formas de ser criança na medida em que se estimula a aprendizagem (CORDAZZO; VIEIRA, 2007).

Em conjunto com isso, foi possível analisar as relações de poder e cuidado que transparecem quando o adulto e a criança estabelecem conexão no contexto escolar, conforme foi discutido dentro da perspectiva de Gallo (2024). Assim, durante a pesquisa, foi perceptível que as ações de cuidado e moderação de conflitos, principalmente relacionada à figura da professora, estão muito mais presentes nas relações interpessoais onde a cultura infantil e o mundo adulto estabelecem um contato que faz a vivência do recreio ser mais harmônica, prevalecendo a construção do conhecimento durante esse momento (CARDOSO; XAVIER; TEIXEIRA, 2017), tendo em vista que o olhar pedagógico capta os processos de aprendizagem passando por momentos de evolução, principalmente no quesito de sociabilidade e troca entre as crianças.

Ainda, em consonância com os estudos de Cardoso e Xavier (2017) e Picanço

(2024), pode-se perceber que o recreio e a brincadeira livre exercem função pedagógica e auxiliam no processo de aprendizagem da criança, por ter convicção que o brincar é o meio por onde ela vivencia e interage com o mundo a sua volta, trazendo esse conhecimento para si de forma lúdica e sendo agente de seu próprio saber. Essa visão foi fortalecida durante as entrevistas realizadas com as educadoras, quando foi posto por elas que o recreio contribui para o processo de aprendizagem que envolve situações de socialização, empatia, respeito e ações de coletividade.

Posto isso, no decorrer da pesquisa apresentada alguns fatores limitantes, como os aspectos da estrutura física e a ausência de materiais pulsores para o exercício da diversidade da brincadeira livre, foram trazidos para discussão com a finalidade de buscar novos caminhos para análises futuras e assim aprofundar o conhecimento a respeito do recreio que faz tanta diferença no cotidiano e na vivência da criança na escola. Nesse sentido, é preciso enxergar o recreio como um espaço que fortifica o processo pedagógico e que precisa continuar sendo investigado em suas diferentes nuances, só assim se amplia a discussão a respeito desse espaço e permite que sua relevância seja entendida como parte do saber que se move dentro da escola.

Assim, de acordo com os dados apontados e com base no referencial teórico adotado, ficou evidente que o recreio tem função fundamental na rotina da criança porque leva em consideração que durante esse momento ela pode explorar as diversas formas de brincar e aprender. O recreio permite que a criança seja autora de suas próprias ações, fortalecendo suas habilidades motoras, emocionais e sociais (PICANÇO, 2024), construindo conhecimento no espaço que ocupa e se faz presente, possibilitando que a criança seja apenas criança e possa desbravar a infância em sua plenitude.

REFERÊNCIAS

Academia das Ciências de Lisboa. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=recreio>. Acesso em: 15 fev. 2025.

AZEVEDO, Nair Correia Salgado de; SBRISSA, Ieda. Mulher e pedagogia: questões históricas e de gênero ligadas à educação brasileira. **Revista Campo da História**, [S. I.], v. 8, n. 2, p. 729-748, 2023. DOI: 10.55906/rcdhv8n2-015. Disponível em: <https://ojs.campodahistoria.com.br/ojs/index.php/rcdh/article/view/141>. Acesso em: 28 jul. 2025.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 24 fev. 2025.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 05 mar. 2025.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 03 de março de 2025.

CARDOSO, Marilete Calegari; XAVIER, Antonete Araújo Silva; TEIXEIRA, Cristina Maria D'Ávila. Olhares investigativos sobre o brincar no recreio das crianças: uma ação experiencial na infância. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 28, n. 2, p. 265 - 282, maio/agosto, 2017. DOI: 10.14572/nuances.v28i2.4604.

CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte; VIEIRA, Mauro Luís. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, jun. 2007.

FANTONI, Aline de Carvalho; SANFELICE, Gustavo Roese. Tempo e espaço para brincar: considerações acerca do recreio escolar. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 11, n. 24, p. 159-186, jan./mar. 2018.

GALLO, Sílvio. Repensar a educação: Foucault. **Educação & Realidade**, [S. I.], v. 29, n. 1, 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25420>. Acesso em: 21 mar. 2025.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Andressa de Oliveira; ALVES, Fernando Donizete; SOMMERHALDER,

Aline. Brincar no recreio escolar: ouvindo crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Educação em Foco**, v. 19, n. 28, p. 241-262, mai./ago. 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Fernandes; CRUZ NETO, Otávio; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. cap. 1, p. 9-30.

NOGARO, Arnaldo; FINK, Alessandra Tiburski; PITON, Marta Regina Guerra. Brincar: reflexões a partir da neurociência para a consolidação da prática lúdica na educação infantil. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 15, n. 66, p. 278-294, 2016.

ROSA, Liane Serra da; MACKEDANZ, Luiz Fernando. A análise temática como metodologia na pesquisa qualitativa em educação em ciências. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S. I.], v. 16, p. 8574, 2021. DOI: 10.7867/1809-0354202116e8574. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8574>. Acesso em: 28 abr. 2025.

PEREIRA, Vânia; PEREIRA, Beatriz; CONDESSA, Isabel. **As interações no recreio: qual o papel do adulto neste espaço?** In: SANTOS, L. C. F.; LINDHAMMER, D. E.; HODECK, A.; HARTENSTEIN, A. (Eds.). Book of Full Texts - XII SIEFLAS Leipzig. Leipzig: LEGS e. V., 2016. p.117-129.

PICANÇO, Suelen. **O recreio como espaço-tempo para ser criança: um estudo exploratório no contexto da educação infantil**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024.

PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. **As crianças, contextos e identidades**. Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997.

SOUZA, Ana Paula Vieira. **As culturas infantis no espaço e tempo do recreio: constituindo singularidade sobre a criança**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

SOUZA, Adriéle de Lima; FONSECA, Mônica Padilha (org.). **Ludoteca: infância, brincadeira e arte na comunidade**. Brasília: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, 2020. p. 106-132.

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. Tradução: José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barros, Solange Castro Afeche. Organizadores: Michael Cole et al. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

APÊNDICE

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- 1)** Qual sua formação acadêmica?
- 2)** Há quanto tempo você atua como educador?
- 3)** Em qual série de ensino está atuando?
- 4)** Como é a rotina dentro da sala de aula?
- 5)** Você acompanha ou já acompanhou alguma vez o recreio nessa escola? Como foi essa experiência?
- 6)** Na sua opinião, qual a importância do recreio no processo pedagógico?
- 7)** Que importância você atribui ao recreio e à brincadeira livre na rotina da criança na escola?
- 8)** De que maneira o recreio lhe ajuda a pensar o seu planejamento de ensino?

*Roteiro de entrevista semiestruturada